SAFRA de VERÃO

Arroz — perspectivas favoráveis

A comercialização foi relativamente favorável em 1997, o que influencia de modo positivo a intenção de plantio da nova safra. No Rio Grande do Sul, um programa especial tenta dar novo alento ao setor.

Após dois anos de safras ruins, o Rio Grande do Sul ensaia a recuperação da atividade orizícola e a retomada dos níveis de ocupação agrícola observados em anos melhores.

Em 1997 foram plantados cerca de 800 mil hectares no estado, extensão equivalente à do início da década de 90.

O alto grau de endividamento dos produtores rurais, o desempenho desfavorável da comercialização dos últimos anos — afetada pela exposição do mercado à concorrência internacional com competidores de grandes vantagens comparativas na produção —, inibição do consumo e *engessamento* do varejo, comprimindo margens para trás, imprimiram um clima de desalento ao setor. Muitos municípios gaúchos tiveram suas economias combalidas pela crise, que expôs as fragilidades estruturais do setor orizícola estadual.

Entretanto, levando em conta o período 1995-97, o ano de 1997 foi o que se mostrou mais favorável ao produtor rural. Além de mais elevados do que nos anos anteriores, os preços evoluíram dentro de uma faixa de flutuação menor do que em 1995 e 1996, ou seja, o efeito da sazonalidade foi menos perceptível (normalmente os preços caem significativamente em maio, logo após a colheita).

Contribuiu para o melhor desempenho de preços o fraco resultado da safra nacional de 1997, o pior da década de 90. A maior rigidez de preços no entanto chegou a surpreender o mercado, que esperava maior pressão baixista, a despeito da insuficiência da safra brasileira em relação ao consumo projetado. A política oficial de amparo à comercialização não exerceu qualquer influência, uma vez que a posição de todos os EGFs (empréstimos do governo federal) em toneladas no mês de junho de 1997 não ultrapassava 4% do total colhido no estado. O fato de o mercado internacional se encontrar em fase altista certamente ajudou a sustentar as cotações.

Há uma certa unanimidade entre produtores e analistas de que a próxima comercialização também será favorável, o que está estimulando positivamente o plantio, que se inicia a partir de setembro. A manutenção do preço mínimo (R$10,53/saca 50kg para o produto irrigado), o baixo nível de estoques de boa qualidade nas mãos do governo e os preços externos elevados traçam um quadro de preços futuros atraentes para os setores de produção e beneficiamento.

Crédito para o plantio virá de um programa especial

O otimismo quanto aos preços futuros, porém, não resolve um complicado ponto de estrangulamento à atividade, que é a questão do endividamento rural. A capacidade do setor em contrair novas dívidas está comprometida, na medida em que não se resolvem os elevados débitos com o principal financiador da produção, o Banco do Brasil. Segundo esta instituição, o total de empréstimos aos orizicultores em agosto de 1997 atingia R$2,1 bilhões, dos quais R$1,1 bilhão correspondem a dívidas securitizadas.

O governo do Rio Grande do Sul, dando-se conta de que de 1995 para cá cerca de 200 mil hectares deixaram de ser plantados com o arroz no estado, decidiu implementar o programa troca-troca, aperfeiçoando um sistema de financiamento à venda de insumos que já vinha sendo utilizado com sucesso entre produtores e firmas fornecedoras de insumos.

O programa é mais ousado por sistematizar e incentivar essas ações. Prevê que serão utilizados aproximadamente R$10 milhões, destinados a produtores que, com problemas de financiamentos anteriores, não tenham acesso a crédito para a safra 1997/98. Há um limite, no entanto, de R$150,00/ha.

O sistema consiste em uma triangulação entre o governo do estado, as prefeituras municipais e os produtores rurais, com a participação do Irga como entidade fiscalizadora. O governo estadual faz a compra de insumos, vende-os para as prefeituras que por sua vez os vendem ao produtor rural. A indexação da dívida é feita em produto. O interessante é que os próprios agricultores cadastrados e aprovados serão os avalistas dos empréstimos entre si, o que inibe uma provável inadimplência. Deve-se notar também a exigência de um histórico de produtividades elevadas na atividade (médias entre 4.500 e 5 mil kg/ha), custos limitados de arrendamento de água e terra, e, ainda, participação do produtor no Programa Gaúcho de Qualidade (PGQ). Este programa prevê o desenvolvimento da lavoura dentro dos parâmetros técnicos estabelecidos pelo Irga e ainda a obediência aos critérios do zoneamento climático. Tais exigências reforçam o processo de seleção dos agricultores mais eficientes pelo qual passa a atividade no estado.

Governo espera recuperar pelo menos 50 mil hectares no estado

Este programa é implementado pelo governo estadual, mas na verdade são as próprias empresas que irão financiá-lo, fornecendo os insumos com longos prazos de pagamento. O governo espera assim recuperar pelo menos

Produtores animados com as novas variedades do agulhinha de sequeiro

Arroz: lançamento de novas variedades pela Embrapa*

Nome da cultivar	Características
Primavera	❑ Cultivar de arroz de terras altas ❑ Variedade precoce e de grãos agulhinhas para terras altas dos estados de GO, TO, MT, MA e PI ❑ Florescimento: 80 dias após o plantio ❑ Colheita: 110 dias após o plantio ❑ Grãos tipo longo fino ❑ Excelente aparência de grãos ❑ Ótima qualidade de panela ❑ Produtividade potencial até 5.000/kg/ha
Maravilha	❑ Cultivar de arroz de sequeiro para condições favorecidas ❑ Florescimento entre 95 e 105 dias ❑ Excelente resposta a níveis mais altos de tecnologia ❑ Grãos tipo longo fino ❑ Boa qualidade de panela ❑ Produtividade potencial até 5.000kg/ha

Fonte: Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e do Feijão (Embrapa).
* Materiais em fase de multiplicação à disposição dos produtores de sementes.

Rio Grande do Sul — arroz — área, produção e rendimento físico das lavouras

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1987	771.672	3.522.016	4.564
1988	780.940	3.853.620	4.934
1989	774.346	3.921.688	5.064
1990	688.099	3.194.390	4.576
1991	804.095	3.809.846	4.730
1992	898.095	4.568.263	5.087
1993	981.526	4.965.210	5.029
1994	976.540	4.230.680	4.332
1995	988.866	5.038.101	5.095
1996	833.554	4.180.674	5.018
1997	801.554	4.086.242	5.098

Fonte: IBGE.

Brasil — arroz agulhinha — quadro de suprimento

Em mil t

	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98
Estoque inicial	1.873,3	2.459,8	1.840,1	917,1
Produção	11.237,3	10.037,4	9.546,3	10.500,0
Importação	978,6	977,4	1.200,0	1.200,0
Suprimento	14.089.2	13.474,6	12.586,4	12.617,1
Consumo	11.594,7	11.629,5	11.664,4	11.722.7
Excedente	2.494,5	1.845,1	922,1	894,4
Exportação	34,7	5,0	5,0	34,0
Estoque de passagem	2.459,8	1.840,1	917,0	860,4

Fonte: Conab.
Obs.: Posição em 20-8-1997.

50 mil hectares no Rio Grande do Sul. Isso elevaria a área plantada de 801 mil hectares em 1997 para 850 mil em 1998, o que, supondo a manutenção da taxa de produtividade, poderia gerar uma produção de 4,3 milhões de toneladas do cereal na próxima temporada. Estimativas preliminares divulgadas pela Federação das Cooperativas de Arroz do Rio Grande do Sul (Fearroz), no entanto, são mais conservadoras e projetam uma nova área de aproximadamente 830 mil hectares.

Centro-Oeste — produtores animados

Também na região Centro-Oeste são boas as perspectivas para o plantio da próxima safra. A Conab está prevendo uma recuperação na produção dessa região em função do estímulo de preços, embora não existam ainda projeções numéricas.

O lançamento de novas cultivares muito produtivas de arroz de sequeiro de grãos do tipo agulhinha — que recebe tal denominação por seus grãos longos e finos — está chamando a atenção dos agricultores, que pretendem expandir a produção dessas variedades nessa região.

As novas variedades primavera e maravilha vêm se mostrando muito promissoras, tanto em função da grande adaptação às condições edafoclimáticas da região Centro-Oeste como pela excelente qualidade dos grãos.

A Embrapa está denominando estas novas variedades de "arroz de terras altas", que seria uma subdivisão do termo sequeiro (terras altas e várzeas). Sob condições de alta tecnologia (mesmo sem irrigação controlada), são capazes de produzir de 3 mil a 5 mil kg/ha, o que as aproxima das variedades do sul.

A boa qualidade dos grãos, que uma vez preparados possuem ótima aparência, segundo a Embrapa, estaria permitindo aos empacotadores do Centro-Sul misturar os grãos do produto gaúcho aos grãos da região Centro-Oeste, facilitando o escoamento do arroz de sequeiro, tradicionalmente preterido nos grandes centros urbanos em favor do agulhinha do Sul.

A chegada mais agressiva ao mercado dessas variedades e sua excelen-

te produtividade, somadas à alta qualidade dos grãos, podem significar uma retomada do espaço brasileiro de produção no cenário do abastecimento, há muito ocupado pelos países exportadores. Por outro lado, as novas variedades do Centro-Oeste representam uma nova pressão para a comercialização das variedades gaúchas, cujos custos de produção são muito maiores.

Essa possibilidade levou entidades associativas do Rio Grande do Sul, ligadas à produção e ao beneficiamento, a estudarem uma forma de diferenciação do produto gaúcho, numa tentativa bastante compreensível de protegê-lo. A idéia seria criar uma nova campanha de divulgação sobre a qualidade superior do arroz gaúcho, rotulando-o com um selo de qualidade nas embalagens. Resta saber por quem os produtores iriam optar, caso os produtores do Centro-Oeste tivessem condições de fazer uma campanha semelhante.

As projeções do governo, por sua vez, estão razoavelmente otimistas. Espera-se um crescimento de quase 10% em relação à safra 1997, enquanto o consumo praticamente se estabiliza no mesmo período.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE
E-mail: elileite@fgv.br

FEIJÃO

SAFRA de VERÃO

À espera de El Niño

Os produtores estão desanimados com o último resultado econômico da lavoura, considerado fraco em razão de uma oferta abundante por todo o país. Isso desestimula o plantio da próxima safra das águas. Tudo irá depender, no entanto, do que acontecerá com o clima nos próximos três meses em função do fenômeno El Niño.

O recente desempenho da comercialização do feijão não foi dos mais animadores. As boas colheitas que vêm sendo obtidas em inúmeras regiões produtoras disseminadas por todo o país condicionaram uma baixa no mercado, o que poderá ter efeito negativo no plantio da próxima safra. Estas últimas safras correspondem, no calendário convencional, à segunda e à terceira safra anual da leguminosa.

As informações, no entanto, não têm sido unânimes. Para o Deral, órgão ligado ao planejamento agrícola do estado do Paraná, é provável que haja até uma pequena expansão na área de plantio do estado em 1998. O Paraná é o principal estado produtor da safra das águas e contribuiu, em 1996 e 1997, com 30 e 25% dos totais produzidos nos plantios de primeira época de cada um desses anos.

A perspectiva do Deral é de que sejam cultivados cerca de 473 mil hectares no estado, o que significa um acréscimo de 5% sobre a área plantada em 1997, que totalizou 448,2 mil hectares. Apesar da variação positiva, a área ocupada com a lavoura vem decaindo sistematicamente nesse estado ao longo dos últimos anos, resultado de um processo de expulsão da atividade dos produtores mais vulneráveis às inúmeras dificuldades estruturais inerentes a esse setor. Isso pode ser constatado pela tendência inversa à da produtividade, que tem apresentado ganhos paulatinos no decorrer dos anos. Só permanece na atividade quem investe um pouco mais em tecnologia, tentando maximizar sua eficiência econômica (ver tabela). Ainda assim, a produtividade física no Paraná, atualmente em torno de 832kg/ha, embora substancialmente maior que há 10 anos, ainda está muito aquém do potencial genético das variedades melhoradas indicadas pela Embrapa para sistemas de alto padrão tecnológico. Tais variedades têm-se mostrado capazes de fornecer de 3 mil a 5 mil kg/ha do grão.

Os preços do feijão-preto, por sua vez, têm sido mais atraentes e deveriam, em tese, estimular o plantio em regiões tradicionais, como Capanema e Bom Jesus da Lapa. Na última safra das águas, 57% da produção paranaense foram de feijão de cores e 43% do preto. O plantio inicial para o feijão-preto foi praticamente equivalente ao do outro, ficando a queda por conta da perda posterior de 10 mil hectares de feijão-preto. Entretanto, segundo algumas cooperativas que atuam com o feijão-preto, a intenção de plantio mesmo para essas variedades este ano é fraca. A cultura é considerada difícil (em termos de custo) e vulnerável (em termos de preço). Nesse caso as cooperativas apontam uma opção pelo milho, cujos custos de produção são bem menores.

El Niño assusta

A maior novidade este ano para a região Sul, no entanto, está por conta